

A PSICOLOGIA COGITOCÊNTRICA: UMA NOVA ABORDAGEM COMO POSSIBILIDADE DE ORGANIZAÇÃO PSÍQUICA

COGITOCENTRIC PSYCHOLOGY: A NEW APPROACH AS A POSSIBILI- TY FOR PSYCHIC ORGANIZATION

Emanuel da Silva Ripardo¹

Nicholas Diógenes Ripardo²

Resumo: O presente estudo propõe uma revisão crítica dos fundamentos da psicanálise, ao substituir a concepção tradicional do inconsciente pela noção de Velamento Psíquico, fenômeno responsável por obscurecer a experiência afetiva em função do excesso de cognição. Introduce-se também o conceito de Cogitocentrismo, entendido como a dominação do pensamento sobre a vivência, condição que conduz à alienação da subjetividade. A fim de ampliar essa compreensão, apresenta-se a teoria dos Psiquemas, compreendidos como entidades dinâmicas que operam entre o Ego Implícito e o Ego Explícito, estruturando a psique como um fluxo vivo e contínuo. Fundamentado em reflexões fenomenológicas e críticas contemporâneas, este trabalho propõe caminhos para uma psicologia orientada à integração entre sentir, pensar e existir, oferecendo um olhar renovado sobre os processos clínicos e teóricos.

Palavras-chave: Inconsciente, Velamento Psíquico, Matriz Egoica, Psiquemas, Ego Implícito, Psicologia Cogitocêntrica.

Abstract: This study proposes a critical review of the foundations of psychoanalysis, replacing

1 Graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor)

2 Graduando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor)



the traditional conception of the unconscious with the notion of Psychic Veiling, a phenomenon responsible for obscuring the affective experience due to excess cognition. It also introduces the concept of Cogitocentrism, understood as the domination of thought over experience, a condition that leads to the alienation of subjectivity. In order to broaden this understanding, the theory of Psyches is presented, understood as dynamic entities that operate between the Implicit Ego and the Explicit Ego, structuring the psyche as a living and continuous flow. Based on contemporary phenomenological and critical reflections, this work proposes paths for a psychology oriented towards the integration of feeling, thinking and existing, offering a renewed perspective on clinical and theoretical processes.

Keywords: Unconscious, Psychic Veiling, Ego Matrix, Psyches, Implicit Ego, Cogitocentric Psychology.

Introdução

Este artigo propõe uma ruptura epistemológica com os paradigmas clássicos da psicanálise, deslocando radicalmente o eixo de compreensão do psiquismo. Ao invés de conceber o inconsciente como um depósito de desejos reprimidos ou uma estrutura de significação subordinada à linguagem, conforme postulados por Freud (2019) e Lacan (1985), esta abordagem propõe uma reconceituação profunda: aquilo que historicamente se chamou de “inconsciente” não é uma instância delimitada e subterrânea, mas uma atividade simbólica viva, pulsante e, ao mesmo tempo, velada. Essa camada não reside em um porão da alma, tampouco se estrutura pela ausência do significante; ela está em plena operação no silêncio, na hesitação e na automatização discursiva do sujeito que, sem o saber, aprendeu a não escutar seus próprios fragmentos. Portanto, a frase que deu início à ideia desta nova proposta teórica é direta: O Inconsciente não existe! O que existe é a consciência que está inconsciente de uma consciência “maior”. Esta consciência, nunca dorme, nunca está inconsciente. O nosso ego social feito para o mundo é que está inconsciente desse eu “maior”.



Essa frase não deve ser entendida de modo trivial ou negacionista, mas como uma crítica epistemológica que reverbera na tradição filosófica e psicanalítica, rompendo com a metapsicologia clássica. Afirma-se que o sujeito deixa de ser mero intérprete de conteúdos ocultos, passando a se configurar como um dançarino ativo nas coreografias de suas próprias experiências afetivas, em um fluxo constante de criação e adaptação.

A partir dessa postura, introduz-se o conceito do Velamento Psíquico, um processo contínuo e defensivo pelo qual o excesso de cognição e os automatismos discursivos obscurecem o sentir originário. Essa nova perspectiva vê as defesas psíquicas não como barreiras a serem transpostas para revelar um inconsciente oculto, mas como estratégias de adaptação que, embora protejam, podem igualmente ocultar uma dimensão afetiva primordial, essencial para a constituição do eu. Nesse sentido, ressoa a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (2018), para quem a experiência sensorial primordial sustenta a existência e a subjetividade antes do simbolismo.

Além disso, o Velamento Psíquico dialoga com críticas contemporâneas à hipervigilância cognitiva do sujeito moderno, como as formuladas por Han (2018), que denuncia o esgotamento e a cegueira da alma diante da saturação informacional e da automatização do pensar. Damásio (2012) reforça que os afetos são fundamentos necessários para o processamento cognitivo e a construção do self, e sua ocultação por um excesso racional compromete a autenticidade da experiência.

Clinicamente, essa reconceituação implica deslocar o foco da interpretação de conteúdos reprimidos para a valorização dos processos afetivos que emergem no fluxo vital do sujeito. Assim, o convite que aqui se propõe dirige-se a todos aqueles que se dedicam ao conhecimento, seja da teoria, seja de si mesmos. Já não se trata de escavar um arquivo enterrado, mas de acompanhar o movimento fluido das experiências subjetivas, promovendo uma integração orgânica entre o cognitivo e o afetivo. Tal perspectiva aproxima-se das abordagens centradas na experiência sentida (Gendlin, 1997) e da escuta fenomenológica da existência (Heidegger, 2015), em que a autenticidade reside na vivência direta e menos fragmentada do ser.

Cumprе ressaltar, que a Psicologia Cogitocêntrica não tem como propósito desconsiderar,



negligenciar ou minimizar a relevância de Freud, Lacan ou da psicanálise em geral, enquanto matriz teórica e clínica. Trata-se, antes, de reconhecer esses fundamentos como solo fértil a partir do qual se torna possível perceber o que ainda não foi plenamente nomeado, uma dimensão experiencial que transborda os limites do já simbolizado, convocando uma escuta para o que insiste em permanecer velado.

Portanto, ao sustentar a posição de que “o inconsciente não existe” como instância estruturada, este trabalho convida a uma reflexão profunda sobre a natureza da experiência subjetiva, estimulando a revisão dos modelos teóricos consagrados e das práticas terapêuticas tradicionais. Abre-se assim um novo campo de diálogo, onde o simbólico e o afetivo se apresentam na sua forma mais integrada, vital e pulsante.

O Cogitocentrismo: Crítica Ontológica ao Pensamento como Prisão

Esta abordagem nasce como resposta à hegemonia do pensamento na tradição filosófica e clínica ocidental. Desde o instante em que René Descartes proclamou o seu célebre “cogito ergo sum”, no Português, “penso, logo existo”, o pensamento tornou-se o critério absoluto de existência. Contudo, essa supremacia do pensar instaurou um cárcere estrutural: o sujeito aprisionou-se no próprio pensamento, descolando-se do corpo, do afeto e do silêncio que lhe conferem vida e autenticidade (Heidegger, 2015).

Portanto, o Cogitocentrismo não é apenas um excesso de pensamento: é uma forma de existência que se esqueceu de sua origem pré-verbal e encarnada, uma ontologia deformada, um “modo de ser” intoxicado pela razão discursiva. Ele se configura, assim, como uma patologia cultural e subjetiva, onde o pensamento deixa de ser mero meio para se tornar vício estrutural. É um fluxo compulsivo e exaustivo de racionalidade que, paradoxalmente, obscurece o sentir e impede o contato genuíno com o Real. Han (2024) denuncia uma sociedade da positividade onde o excesso de transparência e produção anula o silêncio e o intervalo. O cogitocentrismo é, portanto, também um



fenômeno político.

Nessa perspectiva, propomos uma releitura crítica da máxima cartesiana, atualizando-a à luz do sofrimento psíquico contemporâneo: Penso, logo existo, porém me infecto com o vício em pensar, e sofro por ele. Essa reformulação traz à tona que a dor psíquica não provém apenas da repressão de conteúdos inconscientes, mas também do desgaste provocado pela hipertrofia cognitiva e pela colonização discursiva da experiência.

Para compreender o impacto clínico e ontológico do Cogitocentrismo, propomos três eixos fundacionais que alicerçam a superação desse vício epistêmico:

1. A Presencialidade. Antes de ser pensada, a existência é vivida. Antes da linguagem, está o corpo. Antes da significação, manifesta-se a presença. A vida subjetiva irrompe de uma matriz sensório-pulsional onde o ser se revela como ritmo, calor e respiração. O sentir é a forma inaugural da consciência, uma dança primordial que precede o significado e do qual a palavra é apenas o eco tardio. Esta ideia ressoa com Merleau-Ponty (2018), para quem o corpo é o lugar originário da experiência e da subjetividade, e com Heidegger (2015), que enfatiza o ser-no-mundo como modo fundamental do existir.

2. O Silêncio Cognoscente. O saber não se limita ao que pode ser articulado em discurso. O conhecimento habita também nos gestos, nas pausas, nos olhares, no que denominamos de discurso implícito. Há uma sabedoria silenciosa no corpo que escapa ao crivo da lógica e da gramática. Escutar o silêncio é reconhecer que a verdade do sujeito frequentemente reside no intervalo entre os signos, nas fissuras do discurso articulado. Essa concepção evoca a fenomenologia do vivido e a noção de “não-saber” produtivo de Gadamer (2015) e Bachelard (2007), bem como a escuta clínica centrada na experiência sensível.

3. A Clínica Encarnada. Esta propõe uma prática terapêutica que privilegia a presença como instrumento clínico. Em lugar de interpretar o discurso com base em esquemas pré-estabelecidos, o terapeuta restaura a capacidade do sujeito de sentir com autenticidade. A clínica torna-se, então, um



espaço de reintegração afetiva, onde o corpo pode se tornar novamente uma casa, e o silêncio, uma linguagem potente e expressiva. Esta postura encontra eco na abordagem da psicoterapia corporal e na terapia fenomenológica existencial de Gendlin (1997) e Yalom (2005).

Contra este pano de fundo, desenvolve-se a proposta da Psicologia Cogitocêntrica, uma nova abordagem psicológica que acolhe o afeto não traduzido, escuta o silêncio como campo simbólico e reconhece o sofrimento como efeito do desequilíbrio entre cognição e presença. Esta psicologia convida a um retorno ao corpo e ao sentir, identificando o vício no pensamento e abrindo-se para um modo de existir mais livre, mais pulsante, menos aprisionado pelas engrenagens do intelecto.

Entretanto, importa frisar que o pensamento, em si, não é o inimigo, ele é ferramenta valiosa, expressão sofisticada da experiência humana. O problema emerge quando o pensar torna-se monopólio da existência, eclipsando o sentir, o intuir e o simplesmente ser. Não se trata de banir o pensamento, mas de restituí-lo ao seu lugar justo no concerto das funções psíquicas e orgânicas, aquelas que integram corpo, afeto, percepção e cognição em uma harmonia vital. A Psicologia Cogitocêntrica, portanto, não propõe a vilanização do pensamento, mas sua reintegração consciente ao fluxo do viver. É preciso instaurar um gerenciamento lúcido dessas funções, uma autonomia capaz de alternar, com liberdade, entre o silêncio sensível, a presença encarnada e o pensar reflexivo. Pois só assim o sujeito pode experimentar a potência de não pensar não como ausência, mas como presença plena, e, mais tarde, pensar sobre o que emergiu quando não pensava. Esta é a liberdade almejada: não a prisão do pensamento, mas a caminhada entre os modos de ser.

A Matriz Egoica e o Surgimento dos Psiemas: Uma Nova Cartografia da Vida Psíquica

A Psicologia Cogitocêntrica se apresenta como uma reconfiguração radical do pensamento clínico e simbólico, uma ruptura que desafia os pilares tradicionais e convoca uma nova era de interpretação da vida psíquica. No âmago desta abordagem, ocorre uma rejeição veemente da metáfora



do inconsciente como um porão obscuro e empobrecido, substituindo-a por uma visão que enxerga o necessário Velamento Psíquico como uma dinâmica viva e continuamente emergente. Longe de representar um simples reservatório de desejos reprimidos, este campo se revela como um espaço pulsante onde afetos se transmutam em símbolos em fluxo, conduzidos por palavras, automatismos e narrativas apressadamente tecidas para salvaguardar um sentir primordial. O Velamento Psíquico, portanto, não esconde de forma acrítica as verdades fundantes, mas participa ativamente na operação simbólica que encobre e, simultaneamente, protege a essência das experiências afetivas.

Mais do que delimitar estruturas psíquicas rígidas ou tópicos abstratos, propõe-se aqui a evocação de uma Matriz Egoica, uma topologia simbólica em permanente mutação, na qual o eu não se apresenta como um ente coeso e imutável, mas como uma constelação multifacetada de presenças parciais, expressões afetivas e modos narrativos constantemente reorganizados. Nesse cenário, desemaranham-se duas dimensões essenciais e interligadas da subjetividade: de um lado, o Ego Implícito, cuja matriz sensório-pulsional precede e até mesmo transcende a linguagem, constituindo uma vitalidade crua e indomada, é ele quem tenta proteger o indivíduo pelo discurso Implícito; do outro, o Ego Explícito, arquiteto simbólico que se encarrega de estruturar a identidade narrada e de conferir ordem a essa tapeçaria inconstante, esse psiquema que dá a cara-a-tapa ao mundo, ele quem enfrenta diretamente. Tal dualidade não apenas ilustra a complexidade intrínseca do ser, mas também propõe uma nova cartografia da vivência psíquica, onde a tensão e o entrelaçamento entre o afetivo e o simbólico revelam os contornos de uma existência em constante recriação.

Os Psiquemas

Psiquemas são formações vivas do sentir-simbolizante. Mais do que meras representações mentais ou conteúdos inconscientes, os Psiquemas são entidades simbólicas elementares que operam como unidades dinâmicas de expressão psíquica. Eles não remetem a ideias platônicas nem a traços mnêmicos, mas emergem como sínteses móveis entre o gesto sensível e a possibilidade simbólica.



São modos singulares de subjetivação, vibrando na interface entre afeto e linguagem, corpo e signo.

O Psiquema primordial nasce a partir da Plenitude Sensorial, o estado de comunhão pré-verbal, intrauterino, onde corpo e mundo ainda não se distinguem. Nesse espaço originário, cada estímulo, como o calor do líquido amniótico ou o som do batimento cardíaco da mãe, compõe uma vivência plena de afeto, uma sinfonia contínua que ancora a formação do Ego primordial. Nesse contexto, o Ego não é ainda Implícito, muito menos Explícito: é apenas presença pulsante, sem linguagem, sem narrativa, apenas sentir. Esse Ego inicial é posteriormente nomeado Ego Implícito após o nascimento, quando se dá a ruptura com o Paraíso Uterino.

O Ego Implícito, a partir desse momento, torna-se um Psiquema central, cuja missão é eterna: Proteger o sujeito das ameaças da fragmentação, da morte. O Ego implícito tem medo de sentir a angústia original, tem medo do que não entende, devido a experiência do nascer. Ele age como guardião do afeto primordial, funcionando como escudo diante da violência do Real. Ao seu lado, o Ego Explícito, psiquema estruturante surgido posteriormente, organiza narrativamente as experiências, transformando os impulsos do Implícito em formas discursivas.

Ambos residem na Matriz Egoica, um campo simbólico em constante metamorfose. Essa matriz abriga ainda outro psiquema essencial: o Véu Psíquico. Longe de ser apenas um filtro simbólico, ele é uma membrana semi-senciente, viva, que regula o trânsito entre os afetos primários e a simbolização consciente. Quando flexível, o Véu permite que o Psiquema atravesse a fronteira entre o Implícito e o Explícito, mantendo sua potência afetiva ao ganhar contorno simbólico. Quando endurecido, instala-se o Velamento Psíquico: um fechamento da membrana que impede a emergência do sentir, encapsulando os Psiquemas e transformando-os em sintomas ou repetições inertes.

Portanto, Psiquemas não são apenas unidades expressivas: são ritmos, são órgãos simbólicos, são instâncias vivas que operam entre a carne e o signo. Entender sua gênese é compreender que antes da palavra havia o gesto, antes do símbolo havia o calor, e antes da linguagem havia o impulso de existir, impulso que pulsa até hoje sob a superfície do discurso, esperando ser escutado.



Diferenciação Teórica

O conceito de Psiquema diverge de outras construções teóricas clássicas ao propor uma unidade dinâmica que nasce da tensão entre o sentir bruto e a simbolização. Diferente do complexo junguiano, o Psiquema não é estruturado em torno de arquétipos coletivos ou imagens primordiais (Jung, 2016); ele não se ancora no inconsciente coletivo, mas no afeto vivido, no instante singular da experiência sensível. Enquanto os complexos são organizados por uma lógica simbólica arquetípica, os Psiquemas operam como fluxos imanentes do sentir.

Ao contrário do significante lacaniano, o Psiquema não depende da cadeia significante para se constituir (Lacan, 1985). Ele não é efeito da linguagem, mas sua pré-condição sensível. O Psiquema nasce no corpo e só posteriormente se deixa traduzir, parcial e imperfeitamente, em linguagem. Não é aquilo que falta, mas aquilo que pulsa.

Distinto ainda do traço mnêmico freudiano, o Psiquema não é um vestígio passivo à espera de atualização (Freud, 2019). Ele é movimento, potência expressiva que pode tanto se atualizar quanto se retrair. Enquanto o traço mnêmico remete a um passado a ser reencontrado, o Psiquema é uma forma viva de subjetivação que pulsa no presente e aponta para o futuro simbólico do sujeito.

Relações Filosóficas

A noção de Psiquema, enquanto unidade dinâmica do sentir-simbolizante, encontra ressonância com diversas tradições filosóficas e epistemológicas, embora apresente uma originalidade própria dentro da proposta da Psicologia Cogitocêntrica. Em diálogo com Ernst Cassirer (2001), pode-se dizer que o Psiquema preserva a intuição de que o sujeito organiza sua experiência por meio de sistemas simbólicos. No entanto, vai além: enquanto em Cassirer o símbolo é uma forma cultural e racional de mediação da realidade, o Psiquema é uma vibração sensível que antecede qualquer estrutura cultural. Ele é a protoforma do símbolo, o gesto que busca a palavra, o afeto que ainda não



se tornou conceito.

A proximidade com Deleuze e Guattari (2011) se estabelece a partir da lógica do agenciamento e da desconstrução das identidades fixas. Os Psiquemas, como máquinas desejanter, operam em redes mutáveis, conectando afetos, signos, memórias e intensidades em constelações singulares. Eles são dispositivos de subjetivação que não obedecem à lógica do sujeito uno e coeso, mas à lógica da multiplicidade. Cada Psiquema agencia linhas de fuga, reinscrevendo a subjetividade em mapas afetivos e semióticos em permanente recomposição.

No interior da esquizoanálise, a teoria dos Psiquemas também encontra afinidade: ele não representa uma realidade externa, mas a constitui em sua própria operação. Ele não é reflexo, mas potência. A subjetividade, nesse contexto, deixa de ser um dado e passa a ser um acontecimento. O Psiquema é expressão viva do devir do sujeito, uma emergência do real psíquico que resiste à codificação plena.

A ontologia de Simondon (2020) também oferece uma chave de leitura produtiva. Para o autor, o ser não é dado como substância, mas como processo de individuação em curso. O Psiquema compartilha essa natureza: ele não é entidade pronta, mas um entrelaçamento relacional entre afetos, sentidos e linguagem. Assim como a individuação é constituída nas relações, e não antes delas, o Psiquema só existe na travessia entre o sensível e o simbólico, entre o implícito e o explícito.

A fenomenologia de Merleau-Ponty (2018) fornece ainda um alicerce crucial. Ao enfatizar que o corpo é o lugar primeiro da significação, Merleau-Ponty permite compreender o Psiquema como expressão encarnada, uma linguagem que antecede o discurso, uma gramática do gesto e da presença. Para além da semiótica racional, o Psiquema é uma escrita da carne, um símbolo que nasce no corpo e mantém consigo a textura do vivido. A palavra, nesse horizonte, não é mais que a última dobra de uma experiência que começou no silêncio sensível.

Dessa forma, o conceito de Psiquema se constitui como ponto de convergência e superação de múltiplas tradições filosóficas. Ele é, ao mesmo tempo, forma simbólica originária, máquina desejanter, operador de individuação e expressão encarnada. Uma topologia viva do sentir, onde a



subjetividade não é essência, mas uma travessia.

Conclusão

A proposta da Psicologia Cogitocêntrica, exposta ao longo deste artigo, desafia os paradigmas tradicionais ao romper com a noção estática e escondida do inconsciente, inaugurando uma visão na qual o pulsar vital do sentir se manifesta de forma contínua e inescapável. Essa reconcepção propõe que a psique não se restringe a conteúdos reprimidos ou a estruturas arcaicas do inconsciente, mas emerge como um campo dinâmico, o Velamento Psíquico, onde a tensão entre afetividade e simbolização se revela como a essência da existência.

Ao criticar o hegemonismo do pensamento, o Cogitocentrismo é apontado como uma prisão que desvia o sujeito de sua própria vivência. A insistente soberania da cognição na tradição ocidental conduz a uma alienação da experiência corporal e afetiva, obscurecendo a autenticidade do encontro com o Real. Desta forma, a proposta apresentada não apenas problematiza o excessivo culto ao pensamento, mas também convoca a uma ressignificação do ser, onde a presença, o silêncio e o corpo ganham centralidade na constituição da subjetividade.

No cerne dessa abordagem, os conceitos de Matriz Egoica e Psiquemas oferecem uma nova cartografia da vida psíquica. Ao reconhecer o Ego como uma constelação multifacetada, dividida entre uma dimensão implícita, visceral e pré-linguística e uma dimensão explícita, estruturante e narrativa, a teoria ultrapassa as limitações das definições tradicionais. Os Psiquemas, enquanto formações vivas do sentir-simbolizante, emergem não como vestígios de um passado reprimido, mas como ritmos pulsantes que integram o corpo e o signo, antecipando e ao mesmo tempo recriando o mundo interno do sujeito.

Do ponto de vista clínico, essa nova perspectiva inaugura práticas terapêuticas que valorizam a experiência vivida do paciente, resgatando a importância do corpo, do silêncio e dos afetos na construção do eu. O analista deixa de interpretar conteúdos fixos e ocultos, passando a acompanhar com



sensibilidade o fluxo dinâmico das experiências, promovendo assim uma reconexão que transcende os limites da interpretação racional. Essa abordagem convida, também, a uma interseção frutífera entre diferentes campos do saber, desde a fenomenologia de Merleau-Ponty até as críticas contemporâneas de Han, ampliando as possibilidades de intervenção e compreensão da psique humana.

Finalmente, a proposta aqui delineada não se apresenta como um ponto final, mas como o início de um diálogo aberto e interdisciplinar. Ao enfatizar que a essência da subjetividade reside na integração entre o sentir e o simbólico, o artigo impulsiona uma revisão dos modelos tradicionais e aponta para caminhos inovadores de investigação. Convidamos, pois, a comunidade científica e os profissionais da psicologia a explorar essas novas dimensões do ser, onde a vitalidade, a corporalidade e a afetividade formam o solo fértil para uma existência mais autêntica, menos aprisionada às engrenagens da racionalidade excessiva.

Em um mundo cada vez mais marcado pela hiperatividade cognitiva e pela sobrecarga de informações, essa proposta revela-se urgente e transformadora. Ela fornece subsídios para que repensemos as práticas terapêuticas e os fundamentos epistemológicos da psicologia, promovendo uma reconexão profunda com as raízes do existir e abrindo espaço para uma nova era de saúde psíquica, onde a emoção e a presença se encontram na construção do eu.

Referências Bibliográficas:

BACHELARD, Gaston. A formação do Espírito Científico. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

CASSIRER, Ernst. Filosofia das formas simbólicas: A Linguagem. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. v. 1.

DAMÁSIO, António Rosa. O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. 2. ed. São Paulo: 34,



2011. v. 2.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1. 2. ed. São Paulo: 34, 2011.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos (1920-1922). 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos Sonhos: Obras Completas. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019. v. 4.

GADAMER, Hans-georg. Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. v. 1.

GENDLIN, Eugene. Experiencing and the Creation of Meaning: A Philosophical and Psychological Approach to the Subjective. 1. ed. Evanston: Northwestern University Press, 1997.

HAN, Byung-chul. No Exame: Perspectivas do Digital. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-chul. A sociedade do cansaço. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2024.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. 3. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.

LACAN, Jacques. O Seminário: Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. v. 18.

LACAN, Jacques. Escritos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

SIMONDON, Gilbert. A individuação à luz das noções de forma e de informação. 1. ed. São Paulo:



34, 2020.

YALOM, Irvin David; LESZCZ, Molyn. The Theory and Practice of Group Psychotherapy. 5. ed. New York: Basic Books (AZ), 2005.

